

## **Imprensa feminina e fazer jornalístico na Folha de São Borja nos anos 70<sup>1</sup>**

### **Autores**

Cárlida EMERIM<sup>2</sup>  
Gabriella OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS

### **Resumo**

O presente artigo se propõe a um levantamento histórico dos conteúdos e dos fazeres jornalísticos realizados por e para mulheres no jornal a Folha de São Borja, no período compreendido entre 1970 e 1979, com o objetivo de investigar o papel feminino na sociedade da época, tendo como perspectiva a sociedade são-borjense.

### **Palavras-chave**

história, jornalismo, gênero, discurso, semiótica.

### **1. Introdução**

O presente artigo, integrante de um projeto maior<sup>4</sup>, propõe-se a realizar um mapeamento sobre os fazeres jornalísticos que apresentavam mulheres na produção e redação de notícias para a imprensa em São Borja. Outro propósito é o de tentar mapear as temáticas que eram voltadas especificamente para o público feminino. O objetivo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 7º Encontro Nacional de Pesquisadores em História da Mídia, evento da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR).

<sup>2</sup> Cárlida EMERIM. Doutora em Comunicação e Processos Midiáticos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Mestre em Ciências da Comunicação com ênfase em Semiótica pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Especialista no Ensino das Artes Visuais pela Universidade da Região da Campanha e Jornalista graduada em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Líder do Grupo de Pesquisa HISTÓRIA DA MÍDIA da UNIPAMPA Campus São Borja. Professora Adjunta II da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja (RS). [carlidaemerim@unipampa.edu.br](mailto:carlidaemerim@unipampa.edu.br)

<sup>3</sup> Gabriella OLIVEIRA. Acadêmica do 3ª semestre de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa – Campus São Borja. Bolsista de Iniciação à Pesquisa. [ac\\_s.oliveira@hotmail.com](mailto:ac_s.oliveira@hotmail.com)

<sup>4</sup> O Projeto do Grupo de Pesquisa História da Mídia, da Unipampa Campus São Borja, propõe várias ações de estudos no período dos anos 70 sobre a Folha de São Borja com prazo de término em dezembro de 2009. Essas ações de pesquisa estão disponíveis na íntegra no site do CNPq, janela Grupos de Pesquisa.

deste mapeamento é o de tentar entender, preliminarmente, como se estruturava a sociedade dos anos 70, entre 1970 e 1979, através das páginas do jornal *Folha de São Borja (FSB)*, partindo da análise de suas publicações.

Para alcançar os objetivos propostos, foi necessário recontar a história do jornal *Folha de São Borja*, da cidade de São Borja, para contextualizar não só o lugar/ambiente em que se insere o jornal estudado como o período estudado e suas relações com a cidade e, principalmente, um contexto da imprensa feminina nos anos 70, no Brasil, de um modo geral.

Em seqüência, este artigo apresenta alguns dos elementos que nortearam a análise empreendida bem como alguns resultados alcançados a partir desta análise.

## **2. A cidade, o jornal, os anos 70 e a imprensa feminina da época**

O objeto de análise escolhido para o presente artigo são os materiais publicados no jornal *Folha de São Borja*, da cidade de São Borja, no interior do Rio Grande do Sul, compreendidos no período entre 1970 e 1979, que tenham sido produzidos e executados por mulheres e, também, para mulheres.

Como já se apresentou na introdução acima, antes de analisarmos este objeto específico, convém explicitar o contexto deste estudo, apresentando um breve resumo sobre a cidade de São Borja, o período escolhido para a análise, os anos 70 na cidade e a história do próprio jornal *Folha de São Borja (FSB)*.

O município de São Borja, situado na banda oriental do Rio Uruguai, foi fundado em 1682 pelo Padre Jesuíta Francisco Garcia, que fez travessia do rio vindo de Santo Tomé, cidade de fronteira da República Argentina com o Brasil, para estabelecer uma nova redução jesuítica. Até 1998, a passagem para a cidade argentina de Santo Tomé era realizada pelo rio, através de balsas que conduziam de carros a produtos/mantimentos. Em 1998, foi construída a Ponte da Integração que liga, então, os dois países, através dos municípios de São Borja e Santo Tomé.

Há pelo menos dez anos, São Borja vem trabalhando para ser conhecida turisticamente como “A Terra dos Presidentes”, pois é a cidade natal de dois ex-presidentes da República do Brasil, Getúlio Vargas e João Goulart.

Sendo cidade de fronteira, a cidade de São Borja sempre foi considerada “zona de segurança nacional”, designação esta que lhe caracterizou como um município com alta concentração de quartéis militares e muitos cargos federais e estaduais importantes, relacionados à manutenção da segurança nacional.

No período da Ditadura Militar, esta condição acirrou a ação dos órgãos de repressão que se concentravam nos quartéis e nas delegacias de polícia, tanto federal quanto estadual. Segundo depoimentos de jornalistas da época, era comum que pessoas comparecessem a eventos festivos ou reuniões diversas munidos de gravadores para poderem “entregar” os participantes que, por ventura, tivessem alguma ação contrária ao regime. Ser delator era ser fiel ao sistema e, portanto, havia um certo orgulho de estar nesta condição, para alguns cidadãos saaborjenses.

O jornal *Folha de São Borja* foi fundado em 24 de fevereiro de 1970 por José Grisólia, naquela época, já proprietário do jornal *A Notícia*, de São Luiz Gonzaga.

Anos mais tarde, em 1976, a *Folha de São Borja* foi adquirida por um grupo de sócios, tendo a frente o administrador de empresas Roque Andres, que passou a dirigir o jornal. A Artes Gráficas São Borja Ltda é a empresa editora do veículo, que mantém em funcionamento o jornal há 38 anos. Nos seus primeiros anos de existência, o *FSB* era impressa na Editora Jornalística *A Platéia*, em Santana do Livramento, mas depois montou sua própria gráfica, com sede em São Borja. Porém, foi difícil manter esta empresa e, com a venda das máquinas da gráfica, a impressão começou a ser feita na Gráfica Mercosul, de Santo Ângelo, onde é impressa até hoje.

No início de produção, a periodicidade era semanal, às terças-feiras, composto por quatro páginas, em formato standart. Era dividido em cinco editorias principais: geral, policial, esporte, publicações legais e coluna social. Uma primeira observação, superficial do material mermite concluir que a coluna *Panorama*, que centralizava todas as publicações sociais mais importantes da cidade e da região, era a que apresentava o maior número de mulheres em sua produção, assinando diferentes colunas. Cabe

ressaltar que a coluna *Panorama* contou com a assinatura de alguns homens em períodos e espaços definidos, mas sobre eles não serão desdobrados comentários no presente artigo, pois este dedica-se ao estudo dos fazeres produtivos de mulheres na imprensa em São Borja.

No Brasil, com o Golpe Militar de 1964, o país sofreu repressões políticas, policiais e controle social, principalmente no que diz respeito à imprensa, pois esta passou a ser o alvo de censura na época. Neste caso, como observa Lino Geraldo Resende, a censura foi muito mais abrangente, não atingindo apenas a imprensa, mas também as artes, os espetáculos, os livros, o cinema, o teatro, a música, etc., ou seja, a classe e as ações artísticas, de modo geral

Este regime começou a modificar as instituições do país através dos chamados AI – Atos Institucionais. O AI-1 foi baixado em abril de 1964 pelo Exército da Marinha e da Aeronáutica. Várias medidas eram impostas através desses atos e perseguições eram travadas contra os que se opunham a ele: muitas envolviam torturas. Mas, nesse período, a imprensa ainda era um pouco mais livre. Graças à denúncias feitas por jornais da época, como o *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, foi possível averiguar vários casos de tortura, que de certa forma não deixaram de ser praticados, mas puderam ser expostos publicamente num veículo formador de opinião, com grande circulação.

No entanto, durante os anos de repressão pelo qual o país passou, o controle de informação, o que a censura sempre buscou, foi um obstáculo que impediu o pleno exercício da cidadania, principalmente após o AI-5 em 1968, quando a censura passou a ser mais presente nos meios de imprensa. Com medo de represálias, muitos jornalistas e empresários se **autocensuravam** para evitar transtornos, já que tudo o que seria publicizado passava por um rigoroso filtro ideológico e político.

Durante todos esses anos pelo qual o país foi alvo da ditadura militar, segundo Resende, a censura impediu que àqueles que eram contra esse regime dessem voz às críticas e opiniões, negando espaço para suas manifestações, impedindo a sociedade de conhecer a realidade do país, restringindo a liberdade de idéias e de expressão, ficando assim mais difícil de achar um ponto de partida para a mudança de situação.

## 2.1- A imprensa feminina nos anos 70

De um modo geral, a imprensa feminina que era publicada no Brasil nos anos 70 era muito superficial, pois se dedicava mais às temáticas generalistas, voltadas para a cultura do consumo do que aos assuntos jornalísticos. Aliás, esta afirmação tem respaldo no livro de Dulcília Buitoni (1981) que aponta que “*as revistas femininas eram verdadeiros catálogos de mercadorias, entremeados de uma ou outra matéria jornalística*”.

Nesse período, especificamente, os jornais não se detinham em temáticas especializadas e mantinham editoriais mais amplas, ficando os assuntos “do feminino” como moda, beleza, culinária, comportamento, entre outros, publicados sob diferentes rubricas, geralmente em cadernos especiais e esporádicos. Reforçam-se, para este fim, então, as revistas femininas, que se propunham a, especificamente, escrever para as mulheres com temáticas de interesse do universo feminino.

Embora consideração seja feita, estas temáticas eram sempre consideradas de segundo interesse, ou seja, supérfluas. A publicação de uma receita de bolo ou a última moda em Paris não seria considerada de interesse da população e, com certeza, não faria o mundo parar se ela não fosse noticiada.

Nos anos 70, as revistas femininas tinham a idéia de estarem escrevendo para uma mulher moderna e liberada, que tinha acesso ao mundo e podia consumir com liberdade, pois trabalhava. Aliás, este era o símbolo da mulher da época: independente. Esta independência, é claro, dentro de vários limites impostos por todos as instâncias sociais. Porém, assim como o país era construído fora da sua própria realidade na mídia, a condição feminina também repetia esta relação.

Os autores que discutem a imprensa feminina têm consenso em afirmar que este tipo de jornalismo voltado para este público feminino sempre se caracterizou por ser um jornalismo de serviço, opinativo e não o informativo, do modo mais canônico de entendimento. E, neste contexto, a concepção de mulher para qual é dirigido encontra na figura da mulher que tem tempo ocioso e poder de compra um referencial de público.

Porém, conforme BUITONI:

Ao lado desses produtos altamente industriais, temos algumas tímidas tentativas artesanais de jornais e publicação que visam a promoção da mulher como ser humano, buscando identificação com classes populares. (1981: p.105).

Deste modo, ainda nos anos 70, a imprensa feminina não aparece claramente em jornais impressos, o que potencializa o trabalho que se está desenvolvendo no interior do estado, ao se tentar mapear a produção feminina.

### **3. As mulheres e a Folha de São Borja**

Para melhor entendimento dos fazeres femininos no *FSB*, o material analisado foi sistematizado em tabelas onde são especificadas as editorias, assinaturas e temáticas tratadas pelo elemento feminino. Num primeiro momento, aparecem as colunas sociais, onde se concentravam o maior número de assinaturas femininas. A seguir, têm-se notícias, entrevistas, reportagens, comentários, crônicas, enfim, outros formatos que reuniam as temáticas que não eram tratadas especificamente nas Colunas Sociais.

#### **3.1- Sistematização das produções**

Para se entender melhor o mapeamento destes fazeres, organizou-se uma tabela no qual se sistematizou por ano, nome da coluna, autor/assinatura e temáticas. Numa primeira sistematização, percebeu-se que apareciam diferentes inserções de alguns nomes e, para se objetivar a análise, organizou-se uma categorização a partir do modo de aparição destes nomes no jornal FSB.

Assim, sendo: a) **fixos**: aqueles nomes que escreviam de forma consecutiva e permanente; b) **eventuais**: aqueles nomes que escreviam de forma consecutiva, mas não permanente; c) **esporádicos**: aqueles nomes que apareciam de forma irregular, sem nenhum critério de periodicidade. Nos quadros, separam-se, ainda, as produções em colunas sociais, as produções eventuais em colunas variadas e, por fim, as produções que apareciam uma única vez.



Foi possível, então, organizar as seguintes tabelas:

### 3.1.1 – Sistematização Geral

<b>Sistematização das produções das colunas sociais nas páginas da FSB - 1970 a 1979</b>			
<b>1970</b>			
<b>Coluna</b>	<b>Nome</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Tema</b>
Panorama	Zely Comenta	Zely Espíndola (Fixa)	- Comentário social - Eventos - Nomes da elite social
Panorama	Destaque	Paola Berti (Esporádica)	- Moda
ASCAR	Coluna da ASCAR	Helena Lopes (Fixa)	- Doenças comuns ligadas ao meio rural e hábitos de higiene e alimentação
Panorama	Discos	Tânia Mari (Esporádica)	- Artistas e canções de sucesso
Panorama	Panorama	Claudius	- Comentários sociais
Panorama	Tânia Conta	Tânia Siqueira	- Comentários sociais - Nomes conhecidos e eventos mais gerais
Panorama	Gente pra Frente	Carmem	- Assuntos mais polêmicos como o desquite
Panorama	Panorama	Sonia Koucher (pertencia ao setor administrativo do jornal até 1975, quando saiu da empresa)	- Comentários sociais - Nomes desconhecidos e eventos mais gerais
<b>1971</b>			
Neste ano Claudius e Carmem deixam a coluna social sendo substituídos por Vera Marlene;			
<b>Coluna</b>	<b>Nome</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Tema</b>
Panorama	Vera Marlene na Society	Vera Marlene	- Eventos sociais (elite social)
<b>1972, 1973, 1974, 1975 e 1976</b>			
A Coluna Panorama começa a extinguir-se aparecendo raramente, sendo substituída apenas pelo nome da colunista Zely Espíndola			
<b>Coluna</b>	<b>Assinatura</b>		<b>Tema</b>
Zely Comenta	Zely Espíndola		- Ainda assuntos relacionados com a elite social
(Somente no ano de 1975)	Nara Carvalho (era responsável pela parte de publicidade do jornal)		- Notas sociais que não tinham cobertura da colunista Zely (notas pagas ou eventos comunitários)
Sem título	Sonia Koucher		- Comentários sociais variados - Eventos mais gerais
<b>1977</b>			
Nesta fase Zely Espíndola tem sua coluna renomeada para “Ribalta”, surgem duas novas colunas			



nomeadas de “Escreve Malu” e “Escreve Verônica”.			
Coluna	Assinatura	Tema	
Ribalta	Zely Espíndola	- Somente o nome foi modificado, as temática tratadas continuaram sendo as mesmas	
Escreve Malu	Malu	- Eventos sociais de uma forma mais geral. Tudo de maneira impessoal	
Escreve Verônica	Verônica	- Eventos sociais de uma forma mais geral. Tudo de maneira impessoal	
<b>1978 e 1979</b>			
Coluna	Assinatura	Tema	
Ribalta	Zely Espíndola	- Mesmas temáticas	

### 3.1.2 : Editorias Variadas – assinaturas/autorias fixas

<b>Sistematização das produções em editorias variadas (assinaturas fixas)</b>			
<b>1970</b>			
Edição/Página	Título	Assinatura	Tema
n°6 Capa	A bixarada desfilou foi um dia de festa para a cidade	Tânia Siqueira	- Reportagem Reforçando a idéia de que a faculdade traria desenvolvimento para a cidade
p.3	Analfabetismo ainda é assunto	Tânia Siqueira	- Comentári fazendo um chamamento para as questões sociais
n°8, p.7	1ª reunião do Rotary e Interact	Tânia Siqueira	- Notícia
n°14 Contracapa	Veja o que é o lar da menina SCJ	Tânia Siqueira	- Reportagem
n°15 Contracapa	Honra ao mérito	Zely Espíndola	- Reportagem sobre o Hospital de S. Borja
n°16, p.6	Eles querem ser alguém. Eles querem vencer na vida, eles são os valentes meninos da SBAM	Tânia Siqueira	- Reportagem
n°18, Contracapa	Um sonho se tornou realidade, a FAFISB	Tânia Siqueira	- Reportagem
n°19, p.9	Casa da amizade doou cadeiras de rodas para a Associação de pais e amigos de excepcionais	Zely Espíndola	- Notícia
n°27, Contracapa	Planos de construção da casa do estudante estão em marcha	Tânia Siqueira	- Reportagem





n°39 Contracapa	Divórcio- Você é contra ou a favor?	Tânia Siqueira	- Reportagem enquete
n°44,p.2	Nova e moderníssima capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus	Zely Espíndola	- Notícia
<b>1972</b>			
p.3	Vendo, ouvindo e comentando	Maria Thereza Veloso	- Comentário sobre política
<b>1975</b>			
n°303, p.8	São Borja continua sem rádio, uma cidade que ouve, escreve, lê, mas não fala	Maria Thereza Veloso	- Reportagem opinativa
p.4	Maria Thereza Veloso escreve:	Maria Thereza Veloso	- Crônica com temática natalina
n°306 p.9	Maria Thereza Veloso escreve:	Maria Thereza Veloso	- Crônica: Balanço do ano que finda

### 3.1.3 : Editorias Variadas – assinaturas/autorias eventuais e esporádicas

<b>Sistematização das produções em editorias variadas (Assinaturas eventuais e esporádicas)</b>			
<b>1970</b>			
<b>Edição/Página</b>	<b>Título</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Temas</b>
n°6, p.3	Minha realização como professora.	Maria Odete Oléa (Esporádica)	-Crônica; Opinião baseada em discurso positivista
n°7, p.9	Tudo o que eu deixar de fazer ninguém mais o fará pelo menos como eu faria	Olga Maria Gerhardt (Esporádica)	-Crônica de comportamento
n°8, p.4	Cultura	Maria Dolores Gonzales (Esporádica)	-Texto sobre líder e liderança
n°15 Contracapa	Honra ao mérito	Zely Espíndola (fixa)	-Reportagem sobre o Hospital de S.Borja
n°16, p.3	A faculdade de São Borja é notícia	Regina Soares e Ana Jaques (eventuais)	-Notícias da Faculdade
n°43, p.5	Caim mata Abel	Balbina Lopes Bragança (Esporádica)	-Crônica Comparação dos bravos sacrificados na Intentona Comunista com Abel e, dos Comunistas com Caim

n°45, p.11	A espera do Natal	Shirley Marques Gay (Esporádica)	-Crônica
<b>1971</b>			
n°61 p.3	Curso de direito agrário	Lourdes Medeiros Nascimento (correspondente S. Ângelo) (fixo)	- Notícia
n°73, p.9	A vida que a gente leva	Marina Alvarez (Esporádica)	- Crônica: A porta estreita
n°85 Contracapa	Aqui FAFISB	Ana Rabés (Esporádica)	- Notícias da faculdade
n°92, p.2	Nossa folhinha	Flávia c. Alvarez e Fernanda C. Escobar (Eventual)	- Entretenimento
<b>1975</b>			
n°302, p.6	A terceira libertação	Maria Helena Fraga (eventual)	- Crônica sobre o Divórcio
p.12	Mensagem de Natal	Maria Cristina Tassini e Zaida Moreira Dorneles (eventuais)	- Mensagem de Natal
<b>1977</b>			
n°393 p.12	“A mulher assim como o homem, poderá ser um executivo a altura do povo que representa”	Marli Cabeleira Alvarez	-Política - Sociedade - Opinião

#### 4. Alguns resultados provisórios

Ao verificarmos este primeiro material analisado, é possível concluir que, diferente do que acontecia no país, neste período específico da imprensa na cidade de São Borja, há uma grande participação feminina na autoria de textos publicados no jornal.

Na década de 70, várias mulheres começaram a exercer a atividade jornalística, sendo jornalistas ou não, no qual trataram assuntos que as identificassem não só com o público feminino como também com outros públicos de modo geral, nas páginas do jornal *FSB*.

De um modo geral, estes textos chegavam prontos para a redação ou datilografados ou escritos a mão, os revisores ou editores, muitas vezes, tinham que adequar este textos ao formato da produção da época.

No início, quando gráfica ficava em São Borja, os textos eram montados e prensados para depois serem impressos. Depois, com máquinas de escrever, os textos eram datilografados, recortados e colados no boneco da página, para serem mandados para a gráfica. Quem fazia este trabalho era o setor de maquinário do jornal, os diagramadores que antes mesmo da função de diagramar, tinham apenas o trabalho braçal de colar os pedaços para que coubessem nas páginas os textos e os anúncios.

Muitos textos eram entregues na secretaria do jornal, onde funcionava a redação por pessoas que eles nem conheciam e, muitas vezes, acabam publicados por preenchimento do espaço ou porque traziam informações interessantes.

Marcadamente, a coluna social era o espaço no qual estes nomes femininos mais habitavam. Os nomes mais freqüentes que assinam por um período maior na década de 70 são os de Zely Espíndola, Tânia Siqueira e Carmem, que assinavam pequenos espaços dentro da coluna intitulados, respectivamente, *Zely Comenta*, *Tânia Conta* e *Gente pra Frente*.

Zely Espíndola era secretária do Cartório de propriedade do irmão, Joaquim Espíndola e começou a escrever na *Folha de São Borja* porque já era colunista social do jornal *Uruguay* e mantinha comentário fixo sobre eventos sociais na rádio Fronteira do Sul AM. Em seus depoimentos às pesquisas, reitera que sua trajetória mais significativa na imprensa é a de colunista social já na *FSB*. Aliás, o próprio jornal a marca nesta condição quando publica, em 1970, na primeira página da edição de número 43: *Cronista social da rádio e jornal comemora o 8º aniversário de atividades jornalísticas e radiofônicas relacionadas com o movimento social de São Borja*.

Porém, alguns depoimentos de outros realizadores e análises de publicações de jornais anteriores a *FSB*, como o *7 Dias* e o *Uruguay*, comprovam que ela foi precursora, também, em produzir notícias. Na coluna social, Zely mantinha o tom de intimidade com os colunáveis e sempre opinava positivamente sobre os acontecimentos e as pessoas. Em algumas reportagens que ela assina, não só ela faz críticas como

também escreve sobre o acontecimento sem emitir opinião. Deste modo, pode-se dizer que ela reunia, embora esporadicamente, os atributos para definir como produção jornalística, em algumas matérias.

Tânia Siqueira era estudante de Letras que participava ativamente da produção de textos ao longo destes anos. Com um texto opinativo, intercalava a coluna social e alguns artigos que contavam um fato noticioso e comentava-o sob diferentes aspectos: cobria acontecimentos diversos, mas sempre com este **tom** de relato de presença participativa, com intimidade. Ela relatava o que vivenciava, não realizando, portanto, cobertura de eventos/acontecimentos de modo geral. A conclusão que se chega é que ela escrevia porque, como participante, esteve no local e, portanto, poderia dar seu testemunho.

Sonia Koucher era integrante da equipe administrativa do jornal, sendo que assinou a coluna social e colaborou, segundo relatos, na edição de algumas reportagens como revisora.

Na pesquisa aparecem vários nomes que ainda não foi possível identificar fora deste espaço da publicação tais como Carmem, Vera Marlene, Verônica, Malu, Tânia Mari, Paola Berti, entre outras<sup>5</sup>. Segundo os depoimentos que já foram gravados para a pesquisa, aponta-se três hipóteses sobre estes nomes e suas publicações: 1) o jornal recebia textos de pessoas que não faziam parte do seu quadro e tão pouco de suas relações e os publicava (depois de analisá-los); 2) algumas pessoas que enviavam notas sociais seguidamente e, por isso, eram nominadas, mas não eram colunistas fixas do jornal (caso de secretárias de clubes, organizadoras de festas, etc); 3) podiam tratar-se de uma estratégia do jornal para publicizar algumas notas e informações pagas, sem apresentar tais fatos fora de um padrão de coluna social (pois, visto que eles não eram incluídos na coluna de Zely (a colunista social) mas apareciam nestas outras colunas, assinadas por estes outros colunistas).

---

<sup>5</sup> Neste aspecto, está-se realizando um trabalho de gravação de depoimentos com os profissionais da imprensa da época e alguns dos depoimentos estão ajudando a encontrar os sobrenomes e o paradeiro de muitas destas pessoas, mas, algumas, há uma dificuldade enorme.

Além dessas colunas que eram fixas na publicação, havia as fixas como a *Coluna da ASCAR*, assinada por Helena Lopes, a *Discos* assinada por Tânia Mari sendo que estas tinham uma periodicidade quinzenal. Também aparece a coluna *Destaque*, assinada por Paola Berti, que era eventual e sem uma definição periódica.

Destas jornalistas, somente se pode falar de Helena Lopes, que era extensionista rural da Associação de Crédito e Assistência Rural (com uma função que misturava EMATER com banco de subsídios financeiros) e, por isso, quinzenalmente, ela publicava informações de interesse para um público variado, mas que, geralmente, era destinando às mulheres por serem elas as responsáveis por educar, cuidar e manter a casa, os filhos e o marido. Esta compreensão é bem clara nestes textos, pois, seguidamente, receitas culinárias e de remédios caseiros eram acompanhadas dos comentários como este: “*Você amiga pode cuidar de seu filho com uma fórmula barata e natural*”.

Mas não eram somente as colunas sociais que estavam incluídas nos assuntos tratados por mulheres, outros espaços apresentavam materiais destinados ao público feminino em forma de reportagens, notícias, crônicas e comentários, em sua maioria assinados por mulheres.

Se entendermos como Barbosa (2001:638) que reportagem é *um conjunto de providências necessárias à confecção de uma notícia jornalística; cobertura, apuração, relação de dados, interpretação e tratamento, dentro de determinadas técnicas e requisitos de articulação do texto jornalístico informativo*, pode-se classificar, então, como reportagens alguns dos textos publicados, por exemplo, por Tânia Siqueira e Maria Thereza Veloso.

Maria Thereza Veloso é, entre todas, a que se destaca pelos seus escritos. Dona de um estilo reflexivo, conseguia escrever crítica social de fundamento, sem ter o texto ostensivo e, muito menos, boicotado pela censura da época. Não poderia ser considerada uma repórter, mas analisava os fatos e acontecimentos com propriedade e conhecimento. Um exemplo desta competência está no texto intitulado: *São Borja continua sem rádio, uma cidade que ouve, escreve, lê mas não fala*, publicada na página 8, da edição de número nº303, em 1975. Maria Thereza faz referência ao fechamento da

Rádio Fronteira do Sul AM, que foi fechada pela ditadura militar por ser de propriedade de João Goulart. Além de enfatizar que a comunidade tinha que reivindicar o direito de ser ouvida, visto que já possuía grandes empresas de comunicação que prestavam relevantes serviços à comunidade de toda a região. Disse tudo isso numa clareza e articulação que o texto não sofreu interferência e nem repercutiu negativamente para o jornal. Alberi Côgo, jornalista da época e ainda atuante na imprensa disse:

A Maria Thereza tinha um jeito de falar nas entrelinhas que ela conseguia dizer tudo o que queria para quem queria com refinamento e educação. Ela era diferente naquele jornal. (2009)

Das mulheres que escreviam neste período, cabe salientar, também, que elas tinham em comum um forte traço intuitivo de produção, não seguindo regra nenhuma de formatação estilística, salvo alguns exemplos esporádicos, como já se adiantou. Outra forte característica era a de falar sobre fatos e acontecimentos que faziam parte do seu universo particular, por isso, traziam a intimidade como apelo de engajamento emocional sobre seus textos.

Todas elas eram da cidade, permanente ou de passagem, mas tinham fortes ligações com a cidade e as pessoas, pois podiam referendar suas opiniões nesta referência do acontecimento.

Ainda há muito o que se investigar e concluir sobre esta temática, mas o que já é interessante observar é que em São Borja, uma cidade que por todas as suas características, notadamente enraizadas em sua história, sobre uma sociedade machista e patriarcal, teve, na fase mais aguda da ditadura militar, uma forte participação feminina no relato dos fatos que ocorriam na cidade.

As temáticas não se referiam apenas aos assuntos do feminino, envolviam, também comentários e críticas políticas, reportagens sobre acontecimentos e, muitas vezes, estes textos eram chamamentos à participação da mulher na construção desta sociedade em atividades como o MOBREAL, o apoio a FAFISB e a luta por mais um espaço de fala que era a abertura da rádio fechada (em momentos distintos da década).

Assuntos polêmicos como o desquite, a separação de bens, a jornada de trabalho e a valorização do espaço da mulher trabalhadora eram temas apresentados.

Sob o aspecto do modo de tratamento, afora as colunas sociais, os textos intercalavam uma suposta acomodação e uma irreverente ação de mudança. Porém, verdade seja dita, nenhuma mudança que pudesse realmente ameaçar o espaço do homem e nem do regime vigente.

Se muitos textos refletiam a idéia de que o público feminino do jornal se constituía sob a prancheta da caracterização do papel da mulher como a “rainha do lar”, na *Folha de São Borja*, timidamente, é verdade, os anos 70 marcaram uma contracultura que ainda merecem um aprofundamento reflexivo maior.

## 5. Referências bibliográficas

### 5.1 - Livros

BARBOSA, Carlos Alberto RABAÇA e Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de Papel, a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

PEREIRA (orgs.), Joseline PIPPI e Cárilda Emerim Jacinto. **Memórias sobre a imprensa em São Borja**. Santa Maria: Ed. PROGRAD/UFSM, 2007.

### 5.2 - Referências obtidas na Web

GONÇALVES, José Henrique Rollo. *Escavando o Chão da Futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais*. In: Revista de História Regional: Vol. 4. - nº 2, 1999. Disponível em: <http://www.uepg.br/rhr/v4n2/rollo.htm>; acessado em 29 de maio de 2009

RESENDE, Lino Geraldo. *A censura contra a cidadania: o caso do Brasil*. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/resende-lino-geraldo-censura-cidadania.pdf>; acessado em 29 de Maio de 2009.

VIEIRA, Leila Moura. *Mulheres leitoras, para quem se compõem as capas de revistas?* Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno10-11.html>; acessado em 28 de Julho de 2009.

XAVIER FILHA, Constantina – UFMS/DED/PPGedu. *Imprensa feminina - entre modas, bordados, cuidados com a prole e o casamento: dispositivos pedagógicos de revistas femininas*. Disponível em: [http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss14\\_01.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem03pdf/sm03ss14_01.pdf); acessado em 28 de Julho de 2009.

### 5.3 – Referência obtida em outros formatos

Entrevista com Alberi COUGO, Salvador MELO e Mário AQUINO, jornalistas e radialistas, concedida à professora Cárilda Emerim e ao aluno Tiago Radeski Haffermann para o projeto



Preservação da Memória Oral da Imprensa em São Borja, do Grupo de Pesquisa História da Mídia, julho de 2009.